

MEMÓRIAS DOS MAPUÁ MARAJOARA

Andresa Souza dos SANTOS (G-UFPA)
Antônia Fernanda de Souza NOGUEIRA (UFPA)

Resumo

Este artigo tem como objetivo mostrar os primeiros povos e línguas do território brasileiro, bem como as transformações ocasionadas pelos europeus sobre os mesmos, dando ênfase no Marajó. Por isso falaremos desde as línguas indígenas do período pré-colonial e pós-colonial, mostrando assim, os troncos, famílias e línguas indígenas do Brasil. As línguas que apresentavam alguma semelhança eram denominadas famílias linguísticas que formavam um tronco linguístico (em outras palavras, tronco linguístico é uma família de famílias linguísticas). Como referencial teórico, tomamos como base textos de Pacheco (2010) e Freire (2003), entre outros. Em seguida, trataremos de registros sobre os povos marajoaras e suas respectivas línguas. Logo depois, enfatizaremos sobre o contexto histórico da Língua Geral Amazônica ou Nheengatú, que se expandiu por vários lugares, mas não se incorporou facilmente, pois muitos resistiram em não aprender a LGA, principalmente as indígenas. Por último, apresentaremos os relatos e memórias indígenas no Marajó, especificamente sobre os Mapuá, por meio de entrevista realizada através da pesquisa de campo.

Palavras-chave: Povos Marajoaras. Povo Mapuá. Língua Geral Amazônica.

1 - INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentaremos alguns pontos importantes do contexto histórico do processo de colonização dos povos indígenas, dos conflitos entre os índios e os missionários, do surgimento da Língua Geral e como ela se incorporou nas línguas dos povos marajoaras. Veremos quais os principais troncos linguísticos, as famílias e as línguas indígenas presentes no Marajó, e por meio de pesquisa de campo, tentaremos descobrir como alguns dos povos indígenas viviam, onde se localizavam e se há informação sobre suas línguas. Mais especificamente, vamos enfatizar os indígenas Mapuá.

02 - TRONCOS, FAMÍLIAS E LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL

Por meio de estudos históricos é possível conhecer como era a vida dos falantes das línguas mais antigas, bem como conhecer sua cultura, interação com outros grupos, a localização e o meio em que viviam.

Segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2015), acredita-se que na época da chegada dos europeus, existiam mais de 1000 povos, com a estimativa de 2 a 4 milhões de pessoas, porém, atualmente encontramos apenas 241 povos no território brasileiro e cerca de 150 línguas diferentes.

O agrupamento de línguas dentro de uma família linguística funciona da seguinte maneira. Existem línguas que têm muitas semelhanças com outras línguas, então essas com muita semelhança são agrupadas dentro de uma mesma família linguística, por sua vez, as diferentes famílias com semelhanças entre si formam uma única grande família, chamada de tronco linguístico. Mas também existem as línguas isoladas, assim nomeadas por não haver semelhança com outras línguas.

Segundo o ISA, Instituto Socioambiental (2015):

Os especialistas no conhecimento das línguas (linguistas) expressam as semelhanças e as diferenças entre elas através da ideia de troncos e famílias linguísticas. Quando se fala em tronco, têm-se em mente línguas cuja origem comum esta situada há milhares de anos, [...] Entre línguas de uma mesma família, as semelhanças são maiores [...]

A respeito das línguas indígenas no Brasil, pode-se dizer que há 3 grandes troncos linguísticos: o Tupi, o Arawak (Aruak) e o Carib. Abaixo, ilustraremos o tronco Tupi.

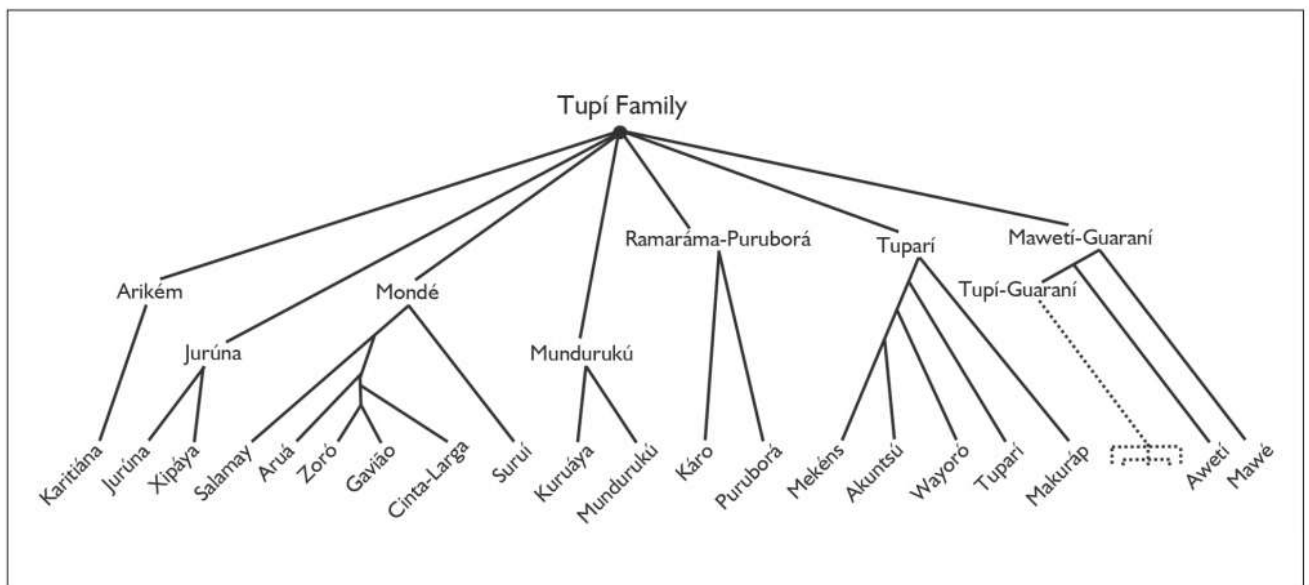


Figura 1: Tronco Tupi (GJIN, GALUCIO, NOGUEIRA, 2015)

O Tupinambá – da qual foi originada a Língua Geral da Amazônica – é uma língua filha da família Tupi-Guarani. Veremos, a seguir, que as línguas do Marajó foram forçadas a desaparecer e serem substituídas pela Língua Geral Amazônica.

03- POVOS MARAJOARAS E SUAS RESPECTIVAS LÍNGUAS

Antes da invasão do território atualmente denominado Marajó, os povos marajoaras usavam a língua ou dialeto indígena falada pela comunidade como meio de comunicação entre o seu povo,

SANTOS, Andresa Souza dos; NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. “Se comer sua carne, sua força é absorvida”: memórias dos Mapuá marajoara. **ANAIS do III Colóquio Letras**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 19 e 20 de fevereiro de 2016. ISSN 2358-1131

para se comunicar ou se expressar. A partir do momento em que nasciam, aprendiam e ouviam determinada língua ou dialeto indígena. Tal realidade foi criminosamente modificada após a invasão.

Conforme Freire (2003, p. 43), o “quadro atual de línguas amazônicas já é o resultado de mudanças radicais, ocorridas nos últimos quatro séculos período em que muitas línguas foram extintas, outras tiveram seu número de falantes reduzidos”.

Isso se deu por conta da introdução, não da língua portuguesa em um primeiro momento, mas sim da Língua Geral, fruto da mistura da língua portuguesa com o tupinambá, pois os portugueses precisavam se comunicar com os indígenas e o português não era a melhor opção naquele momento. Rodrigues (2000, p. 24-25 apud FREIRE, 2003, p. 45).

em recente estudo, baseou-se em dados históricos produzidos pelas primeiras penetrações portuguesas e, [...], desta forma estimou em 1.273 o número de línguas indígenas faladas naquele momento em território ocupado atualmente pelo Brasil, das quais pelo menos 495 eram faladas no que é hoje a Amazônia Brasileira.

Assim, quando os europeus invadiram o território dos povos indígenas, estima-se que havia cerca de 1.273 línguas faladas pelos povos, e que quase a metade dessas línguas eram faladas em território da Amazônia brasileira. Cada povo falava a sua própria língua ou dialeto, portanto, os europeus compreenderam que era de suma importância para o sucesso do projeto que houvesse uma língua de contato com os indígenas, pois precisavam das informações sobre o território, bem como precisavam explorar as terras atrás das “drogas do sertão”. Além disso, necessitavam da mão de obra desses indígenas que aqui habitavam.

Segundo Pacheco (2010, p. 18), quando os Portugueses chegaram à Amazônia já viviam as nações Aruãs, Sacacas, Marauanás, Caías, Araris, Anajás, Muanás, Mapuás, Pacajás, entre outras batizadas de Nheengáibas. Houve grandes lutas com os portugueses, os quais também encontraram grandes dificuldades de entender a diversidade das línguas faladas pelas nações indígenas, então os portugueses procuraram criar e usar uma única língua, chamada de Língua Geral Amazônica ou Nheengatú, que eles denominaram de “língua boa”. O Nheengáiba “língua má” referia-se às línguas dos povos marajoaras, devido à dificuldade de compreensão dos portugueses. Abaixo, o mapa indica mais algumas etnias do território marajoara.

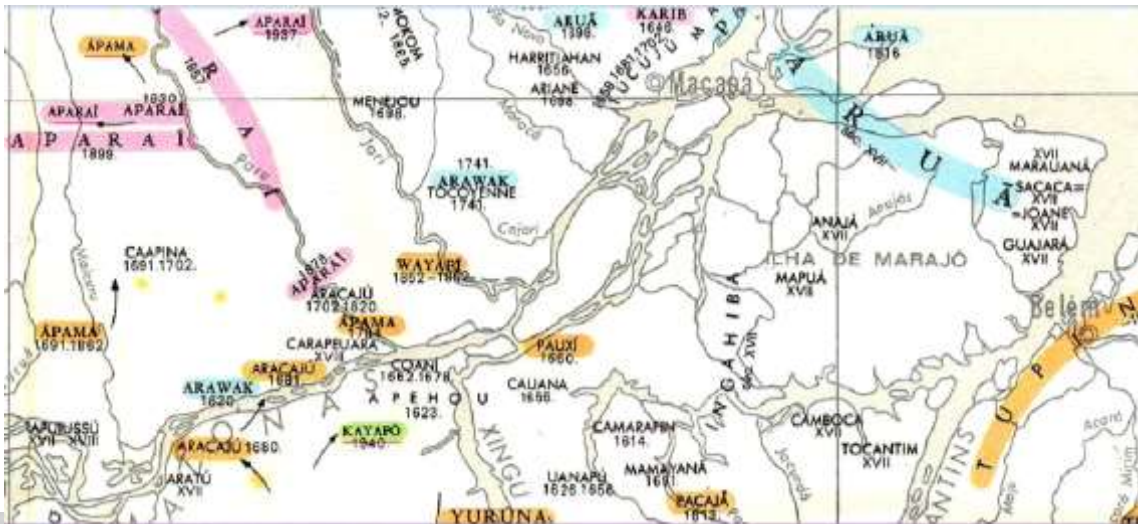


Figura 2: Mapa de Curt Nimuendaju (1944), recorte da região do Marajó

Entre os povos identificados por Curt Nimuendaju, em território marajoara e regiões adjacentes, temos Marauaná, Sacaca, Joane, Guajará, Anajá, Mapuá, Camarapin, Mamayaná Uanapú, Pacajá e os Ingahiba (provavelmente relacionados aos Nheengáibas).

04 - O CONTEXTO HISTÓRICO DO USO DA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA (LGA) NO MARAJÓ

A Língua Geral Amazônica (LGA) ou Nheengatu ficou conhecida com essa terminologia após a incorporação da língua Tupinambá, que ao longo de sua incorporação sofreu modificações e transformações, devido à influência dos portugueses. Foi dessa forma que grande parte dos colonos e missionários substituíram as línguas ou dialetos locais pela Língua Geral Amazônica. A língua Tupinambá foi uma língua muito importante para a comunicação inicial dos portugueses com os povos tupis e não tupis. Na Amazônia, tornou-se a Língua Geral Amazônica, língua materna dos mestiços, que eram filhos de Europeus com as índias. (FREIRE, 2003, p. 51).

No Marajó foi muito grande a resistência de algumas índias em não aprender a Língua Geral Amazônica, pois as mesmas não queriam trocar sua língua materna, e com isso sofriam repressões sendo espancadas pelo missionário encarregado da escola. Segundo Freire (2003, p. 54-55), “depois de testemunhar fatos como esses ocorridos com uma índia Nheengáiba, o padre João Daniel conclui: os índios homens migravam com mais facilidade de sua língua materna que as mulheres” (DANIEL, 1757-1776 apud FREIRE, 2003, p. 54-55).

Dada a violência com que se impôs a Língua Geral Amazônica, os índios continuavam aprendendo essa língua. No ano de 1689, Portugal reconheceu a LGA como língua oficial do estado

SANTOS, Andresa Souza dos; NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. “Se comer sua carne, sua força é absorvida”: memórias dos Mapuá marajoara. *ANAIS do III Colóquio Letras*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 19 e 20 de fevereiro de 2016. ISSN 2358-1131

do Maranhão e Grão-Pará, isso aconteceu por meio da Carta Régia de 30 de novembro de 1689. No entanto, Portugal determinou que a LGA não fosse ensinada somente aos índios, mas também aos filhos dos portugueses que moravam por lá (FREIRE, 2003, p. 55).

A Língua Geral Amazônica se expandiu no território brasileiro e entrou em contato com outras línguas, tanto do tronco Tupi quanto de outros troncos linguísticos como: Aruak, Karib, Tukano, Pano, que eram faladas por indígenas que faziam parte do sistema colonial, através, por exemplo, das chamadas aldeias de repartição.

Segundo Freire (2003, p. 59), a LGA “acabou se consolidando, no início do século XVIII, como língua de comunicação interétnica, usada nas escolas, na catequese, na igreja, nas aldeias e nas relações de trabalho”.

Nessa perspectiva, os indígenas iam perdendo de uma vez sua língua (ou dialeto) materna, pois para onde quer que fossem a única língua falada era a Língua Geral Amazônica. Desse modo, é possível ter em mente o que os indígenas passaram, pois não podiam fazer nada para preservar sua língua (ou dialeto) materna.

05 - MEMÓRIAS INDÍGENAS NO MARAJÓ (A TRIBO DOS MAPUÁS)

Uma vez que pouca ou nenhuma informação foi documentada sobre a forma de viver e de ser dos indígenas marajoaras, como os Mapuá, realizamos entrevistas com um conhecedor da história do território hoje denominado Rio Mapuá com o objetivo de obter mais informações sobre tal etnia. Apresentaremos os relatos narrados por FMMF, que trabalhou durante 3 anos como professor no Rio Mapuá.

A tribo dos Mapuás está localizada à margem direita do Rio Mapuá. Depois do desaparecimento dos índios, existiu uma fazenda da família Felix, mas atualmente a localidade se chama “Vila Amélia”. Uma igreja foi construída provavelmente em cima do cemitério onde os corpos eram enterrados nas chamadas “urnas funerárias”, pois há vestígios que comprovam esses depoimentos. Quando um guerreiro morria os Mapuás acreditavam que, se comessem sua carne, sua força era absorvida por quem a comece e só seus ossos eram enterrados. (FMMF, 2015)

Segundo FMMF, há vestígios de que a Escola Coração de Jesus foi construída em cima do local onde se localizava as “casas” dos índios, onde a terra é alta. Próximo à escola existe uma fonte d’água cristalina, que pode ser uma pista de que os mesmos escolhiam bem o lugar onde iriam morar. A foto a seguir foi cedida por FMMF, na qual podemos observar a possível tampa de uma

urna funerária. A igreja estaria localizada em cima do cemitério dos Índios Mapuás.



Figura 3: Foto cedida por FMMF, 2009.

A foto abaixo também cedida por FMMF mostra a localização da Escola Coração de Jesus, onde provavelmente era o centro da aldeia da tribo dos Mapuás, e onde também é possível encontrar vestígios de cerâmica, segundo os relatos.



Figura 4: Foto cedida por FMMF, 2009..

Para justificar a invasão do território dos povos indígenas, era necessário “demonizar” a figura do indígena brasileiro e sul americano. A falta de respeito à cultura e à religiosidade indígena relacionada ao canibalismo ritual foi amplamente documentada durante o século XVI, tal como relatam Aguiar e Müller (2010). Segundo os autores

A antropofagia talvez tenha sido um dos temas que mais povoou o imaginário popular por séculos. Os festins antropofágicos aproximavam os indígenas de uma condição de não humanidade necessária para legitimar a apropriação do território e das riquezas por parte das coroas ibéricas.

Os verdadeiros significados do canibalismo ritual jamais eram tratados ou conhecidos. Logrou (1991 apud RIBEIRO, 2002, p. 131) descreve o canibalismo como “prática corrente entre os grupos Pano e o fato de serem hoje enterrados é tido como um triste destino para o morto, pois será comido pelos vermes e sua carne apodrecerá, além de ser também um perigo para os parentes”. Veja o significado dado por Pierre Clastres ao canibalismo Guayakí

Não comer o morto provocaria muita ansiedade, angústia e tensão entre os parentes mais próximos do morto. O espírito do morto torna-se perigoso para o corpo dos vivos porque quer entrar no corpo de outro, formando uma bola (doença), perto do coração. Quando se come o corpo, o espírito ligado ao corpo é banido da aldeia (LAGROU, 1991 p. 114 apud RIBEIRO, 2002, p. 131)

Apesar de nem todos os grupos realizarem tal ritual, “o que de fato veio a ocorrer é que esta pauta, restrita a algumas etnias em específico, foi em muitos casos atribuída aos ameríndios de forma indistinta e generalizada” (AGUIAR; MÜLLER, p. 9). A temática é sempre tratada, pelo público geral, de maneira racista e grotesca, ainda hoje, sem o mínimo de sensibilidade e entendimento com relação ao valor da mesma dentro de cada sociedade em que está presente.

Seria o caso, assim, de um estudo teórico e investigativo aprofundado sobre os depoimentos relacionados ao tema, especialmente com os próprios moradores do Rio Mapuá.

Se for confirmado fato de que a tampa presente na figura 3 é uma tampa de urna funerária, trata-se de uma evidência interessante sobre mais este aspecto da cultura Mapuá. Segundo Ribeiro (2002, p. 136), os rituais funerários indígenas apresentam grande cuidado em evitar o contato do corpo com a terra. Segundo a autora “todo sepultamento que se faz diretamente na terra exige um grande cuidado em proteger o corpo do morto do contato com a terra, proteção feita com redes, esteiras, urnas, folhas de bananeira e outras, e até, mais recentemente, com a adoção do caixão de madeira ou semelhantes” (RIBEIRO, 2002, p. 136).

Nos relatos, não houve menção sobre a língua falada pelos Mapuá.

06- CONCLUSÃO

Podemos notar que o processo de colonização influenciou muito nas transformações ocorridas nas línguas e na vida dos indígenas. As línguas ou dialetos marajoaras eram o meio de comunicação entre os falantes das tribos localizadas no Marajó, pois era repassada de geração em geração. Tudo mudou com a chegada dos portugueses, os quais precisavam se comunicar com os indígenas, e, por isso, introduziram a Língua Geral Amazônica. Vimos que, mesmo sendo obrigadas a aprender a Língua Geral Amazônica, algumas indígenas resistiram, mas foram repreendidas e punidas. A entrevista sobre o povo Mapuá indica que hoje encontramos vestígios da existência desses indígenas, como um dos lugares onde se localizavam, a saber, a “Vila Amélia”, onde foram encontradas cerâmicas e urnas funerárias. A partir de relatos conseguimos alguma informação sobre o ritual funerário dos Mapuá, mas infelizmente sobre a sua língua nada há relatado ou documentado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. L. S.; MÜLLER, A. M. Pajés, demônios e canibais: representações acerca do indígena americano na iconografia européia do século XVI. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica. Série História do Nordeste**, Recife, v. 1, p. 1-17, 2010.

FREIRE, J. R. B. **Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia**. 239f. Tese (doutorado) - Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2003.

GIJN, R.; GALUCIO, A. V.; NOGUEIRA, A. F. Subordination Strategies in Tupian languages. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 10, n. 2, p. 297-324 maio-ago. 2015.

MOORE, D.; STORTO, L. **As línguas Indígenas e a Pré-História**. In: PENA, S.(Org.). *Homo brasileiro: aspectos científicos lingüísticos, históricos e sócio-antropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.

NIMUENDAJU, C. **Mapa Etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1944. Escala 1: 5.000.000.

PACHECO, A. S. A conquista do ocidente Marajoara: índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas. In: SCHAAN, D.; MARTINS, C. (Orgs.). **Muito Além dos Campos: arqueologia e história na Amazônia marajoara**. Belém: GKNORONHA, 2010.

SANTOS, Andresa Souza dos; NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. “Se comer sua carne, sua força é absorvida”: memórias dos Mapuá marajoara. **ANAIS do III Colóquio Letras**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 19 e 20 de fevereiro de 2016. ISSN 2358-1131

RIBEIRO, L. **Limpando ossos e expulsando mortos: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica.** Dissertação (Mestrado), Centro de Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2002.



SANTOS, Andresa Souza dos; NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. “Se comer sua carne, sua força é absorvida”: memórias dos Mapuá marajoara. **ANAIS do III Colóquio Letras**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 19 e 20 de fevereiro de 2016. ISSN 2358-1131